



# O DISCURSO DE FÉ E A FIGURA DO DEMÔNIO\*

Marcia Benetti Machado

Professora do Departamento de Comunicação da UFRGS. Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

## resumo

O texto apresenta a estrutura discursiva dos testemunhos de fé exibidos pela TV Record, em que adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) narram suas experiências. A análise mostra que o testemunho tem dois planos narrativos principais. No primeiro, o depoente conta seu passado de erros e sofrimentos, causados pela ação do Diabo. No segundo núcleo, mais curto que o anterior, aparece o relato de como a vida do fiel foi abençoada após a descoberta da igreja. O discurso iurdiano é circular, exercido por uma comunidade que compartilha linguagens e crenças. É mistificador e legitima a si mesmo pela reiteração, conferindo uma aura de veracidade às narrativas e perpetuando sua própria eficácia.

## abstract

This text presents the discursive framework of faith testimony exhibited at Record TV, where followers of God's Realm Universal Church talk about their experiences. The analysis shows that the testimony have two main narrative plans. At the first one, the narrator talks about his/her past of mistakes and suffering, caused by Devil's action. At the second, shorter than the first, appears the account about how the follower's life was blessed after the discovering of the church. The discourse is circular, exerted by a community who shares languages and believes. It is fooling and legitimates itself through reiteration, conferring an aura of truthfulness to the narrative and perpetuating its efficacy.

\*Trabalho apresentado no GT Estudos do Discurso da 7ª Compós, em junho de 1998

Os universos do sagrado e do profano traçam paralelos, pontos de encontro e tangentes que se manifestam na simbologia dos rituais e na riqueza dos discursos. A constituição de uma linguagem própria de cada movimento faz parte do processo de consolidação não só de idéias, mas também de formas de assegurar a sobrevivência dessas idéias. Como diz Charles S.

PEIRCE sobre o ato de pensar, *“a essência e a significação do pensamento (...) nunca podem ver-se compelidas a se dirigirem a algo que não seja a produção de crença”* (1975, p.55-56). Isso é especialmente verdadeiro quando nos referimos a um sistema religioso.

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), uma organização neopentecostal, formou, ao longo de seus 20 anos, um corpo sólido de idéias e métodos que lhe garante a perpetuação de modo aparentemente espontâneo. Por trás de sua expansão<sup>1</sup>, porém, existe uma construção consciente de crenças e uma produção articulada de discursos.

Não podemos falar de “um” discurso iurdiano, embora seja possível, para fins exclusivamente didáticos, reunir suas formações discursivas básicas em torno de um só falante, já que fiéis e pastores estão claramente empenhados na expressão de uma “verdade” absoluta e na conquista de adeptos. Essa “verdade” absoluta inclui disposições como a negação de todas as demais religiões - do catolicismo às concepções de origem africana, passando pelas demais agremiações evangélicas. Existe apenas uma “verdade”, e ela só pode ser encontrada na Igreja Universal. Tal intolerância religiosa é pano de fundo para a maioria dos discursos iurdianos.

O poder da Igreja Universal não está

em seus supostos milagres, mas *na força de sua argumentação*. Em termos lógicos, não há falhas no discurso iurdiano. Basicamente, o Diabo é responsável por todas as dores do mundo e por todos os erros humanos, desde as doenças até atos criminosos ou violentos. Os demônios são espíritos malignos que se apoderam das pessoas de diversos modos<sup>2</sup>, como, por exemplo, pela participação em centros espíritas ou mesmo por hereditariedade - um “demônio familiar”, digamos. Assim, tudo o que um homem fizer de condenável em sua vida antes de conhecer a Igreja Universal terá origem nas forças satânicas.

Só há um modo de vencer o Diabo: crer em Deus e no poder de Jesus Cristo, mas apenas por meio da Universal. Recorrer à ajuda divina em outros templos e por outros cultos não adianta, porque Satã está nesses lugares, disfarçado de agentes do bem. Também não basta crer, é preciso *crer sem limites*, porque os milagres só acontecem na medida da fé do indivíduo, e essa fé deve ser incondicional. Isso significa que o fiel deve lançar desafios a Deus para obter o que deseja, e é sobre a idéia da eficácia dos desafios que está centrada a defesa da contribuição e do dízimo.

A fé iurdiana é uma fé possuidora. A julgar pela literatura e pela pregação da Igreja Universal, saúde, amor e prosperidade financeira são o retorno automático do investimento feito no sacrifício - o dízimo e as ofertas espontâneas (OLIVA, 1997, p. 142).

Mas também a noção de eficácia está bem amparada na argumentação iurdiana: se o milagre não acontece, é apenas por causa da incipiente fé do sujeito.

O poder da Igreja Universal não está em seus supostos milagres, mas *na força de sua argumentação*. Em termos lógicos, não há falhas no discurso iurdiano. Basicamente, o Diabo é responsável por todas as dores do mundo e por todos os erros humanos, desde as doenças até atos criminosos ou violentos.

<sup>1</sup> A Igreja Universal do Reino de Deus não fornece dados precisos sobre arrecadação, número de fiéis ou mesmo de templos. Estima-se que possua mais de 6 milhões de adeptos em cerca de 50 países (segunda reportagem publicada no jornal “Folha de S.Paulo” de 6 de julho de 1997).

<sup>2</sup> Para compreender o que pensa a igreja sobre a ação de Satanás, recomendamos a leitura do livro “Orixás, caboclos & guias: deuses ou demônios?”, do bispo Edir Macedo, fundador da Universal. Editora Gráfica Universal.

“O Deus que emerge das afirmações iurdianas é uma divindade escrava de suas promessas, dentro de uma lógica implacável, assim argumenta o pastor: Deus promete saúde e prosperidade, exige que o fiel faça a sua parte contribuindo para a ‘casa de Deus’. Cumpridas todas as exigências, com muita fé e nenhuma dúvida, o milagre só tem que acontecer. Basta exigir de Deus a realização de tais desejos. Mas, e se não der certo? Ainda dentro dessa lógica, a culpa é do fiel, que deve ter tido falta de fé em algum momento do processo” (CAMPOS, 1997, p. 369).

A “ideologia” da Universal está colocada sobre um tripé: o primeiro personagem é o **Diabo**, o segundo é **Jesus Cristo** (ou Deus, o Espírito Santo) e o terceiro é a **Igreja** (ou o bispo, o pastor, o obreiro). Essas três figuras sustentam um discurso que se autolegitima por meio da própria capacidade reiterativa. Ele se repete à exaustão, modificado apenas pela riqueza das experiências individuais, narradas nos chamados “testemunhos de fé” como um ato militante.

Quando dizemos que esse discurso é autolegitimador, queremos dizer que ele confere um estado particular às crenças que propaga: o status de detenção do sagrado. Ele é de tal forma articulado, que estabelece uma *circularidade* lógica que só pode ser rompida pelo questionamento, pela dúvida, pela incerteza. Não é o caso dos depoentes, invariavelmente defensores da idéia de que sua igreja é a única capaz de oferecer conforto espiritual e vitalidade para conquistas materiais.

O discurso dos testemunhos de fé apresenta basicamente dois planos narrativos: o que conta a trajetória do depoente *antes* de descobrir a igreja e o que conta como sua vida ficou *depois* desse encon-

tro. O primeiro plano é pleno de sofrimento, sempre causado por forças malignas, embora o Diabo nem sempre seja um personagem nomeado, estando muitas vezes apenas implicitamente presente. Já o segundo plano narra a descoberta da paz e da felicidade. A análise dos 13 testemunhos que foram ao ar no dia 3 de março de 1997, no programa “Palavra de Vida”<sup>3</sup>, da TV Record, mostra como esses planos se constituem, o papel desempenhado pelos demônios e o uso compartilhado de expressões que se transformaram em clichês da linguagem iurdiana. Ressaltamos que, por considerá-los relevantes, os erros emitidos por pastores ou fiéis serão mantidos. Os nomes dos entrevistados e entrevistadores são verdadeiros.

## Antes da igreja

Todos os testemunhos são de pessoas que tinham doenças variadas, sendo que duas narram doenças de filhos, como mostram os seguintes trechos:

**Roseane** - *Era um problema (sic) que eu tinha (...) dava ataque no coração. (...) Eu podia morrer se soubesse de uma notícia ruim.*

**Rosemeire** - *Um ano e seis meses que eu fiquei com esse problema (sic) assim [cisto no ovário e infecção no útero], muita infecção, muita inflamação, e o cisto começava a aumentar.*

**Paulo Roberto** - *Eu tinha cálculo renal nos dois rins. Eu ia ter que arrancar os rins fora, ficar aguardando alguém me doar um rim (...). Porque o meu rim, ele chegou a atrofiar, que nem um maracujá murcho quer não serve mais para nada. Não filtrava. (...) Eu tive dor de cabeça durante dois anos,*

<sup>3</sup> O programa “Palavra de Vida” foi substituído, em 1998, pelo programa “Fala que eu te escuto”. Mas a estrutura dos testemunhos se mantém, e por isso a presente análise continua atual e válida.

A “ideologia” da Universal está colocada sobre um tripé: o primeiro personagem é o Diabo, o segundo é Jesus Cristo (ou Deus, o Espírito Santo) e o terceiro é a Igreja (ou o bispo, o pastor, o obreiro).

tomava duas cartela de aspirina por dia, não tinha jeito. Aquela aspirina tava causando uma gastrite muito forte ni (sic) mim.

**Marentina** - *Eu perdi o pulmão, perdi o seio [por ter câncer], ia perder meu filho e a filha [que tentaram se matar] e o marido [que era alcoólatra], ia perdendo tudo.*

**Zenaide** - *O primeiro que atrapalhava a minha vida foi um bronquite muito forte que me... brotou na minha vida. Através desse bronquite eu também tinha colásterol (sic), o coração grande, porque eu tinha doença de Chagas (...). A minha pressão era muito alta, era 24 de pressão e caía pra 4. (...) Eu tive um enfarte fulminante, perdi a veia coronária.*

**Nelsina** - *Era muito... muito pobremático (sic), né, pobrema (sic) de saúde, né, muito nervosa e eu sofri muito, né, e tive muitos pobrema (sic) no útero (...) E nesses três anos que eu tava com pobrema (sic) eu tive três aborto, né. (...) tava com câncer no útero.*

**Floripes** - *Deu leucemia, deu um câncer no baço de quatro quilos (...). E eu cada dia pior; eu cheguei a 39 quilos (...). Verde, verde, pastor; eu não tinha mais sangue, eu não tinha mais veia pra tomar soro, eu não tinha mais nada, medula óssea parada. Aí o médico disse “a gente não vai te operar porque no momento que eu te der a... a...” como é que se diz... “a anestesia, com a medula óssea parada, o coração pára também”.*

**Francisca** - *O pobrema (sic) era que a minha mão tinha dores nos nervos e queimava a mão, (...) queimava que nem fogo, eu até chorava, que não agüentava.*

**Elizabete** - *Ele [seu filho] tinha um problema de dois caroços no pescoço, né, que*

*os médicos falaram que tinha que ser... é... tinha que ser operado pra ver se era maligno, se era benigno, se ia crescer, se ia ficar do mesmo tamanho, ia ter que tirar um.*

**Maria Cristina** - *Nós chegamos assim na presença do Senhor Jesus com 80 e poucos quilos, nós temos assim só 1 metro e 53, então nós chegamos assim com umas feridas, era carne viva, não tinha maquiagem que... que disfarçasse, minava água e ardia, ardia e os médicos já tavam mandando fazer aqueles exames pra ver se era Aids, pra ver se era câncer (...) Ela [sua filha] baba-va (...), aí eu punha uma touquinha, aí ninguém notava que o crânio dela parecia um martelo de comprado.*

**Laércio** - *Não tinha fígado [era alcoólatra]. Era só óleo do fígado, só, que já tava derretendo. (...) Eu fiquei na UTI (...). O médico me deu três dias de vida.*

**Ana Cristina** - *De repente me dava vontade de fugir de casa, minha cabeça começava a latejar; aí me dava vontade de fugir; até tentei me matar (...). Fazia uns exame da cabeça, fazia exame do cérebro, aí dava que tinha uma mancha, e essa mancha tinha que tirar um líquido.*

**Milton** - *Eu sempre tive problema (sic), desde os meus 14 anos, problema (sic) de... de... de droga e de... de... de bebida alcoólica, sabe?*

A narração do sofrimento inclui o momento de maior desespero, que a linguagem iurdiana convencionou chamar de “o fundo do poço”, clichê adotado muitas vezes espontaneamente pelos fiéis:

**Milton** - *Bom, quando chegou no final mesmo, que eu tava no fundo do poço, não tinha mais nada, tá, a nossa vida era uma lástima.*

meiro.

**Ana Cristina** - *Ah, eu cheguei [à igreja] no fundo do poço.*

**Zenaide** - *Quando eu já tava com esse fundo de poço, do meu marido e os problema (sic) que eu tinha, eu encontrei uma amiga que falou do Senhor Jesus pra mim.*

**Marentina** - *Aí foi o fundo do poço, que eu fiquei desesperada, né, porque eu já tava com problema (sic).*

**Paulo Roberto** - *Quando eu cheguei no fundo do poço, que não tinha mais jeito mesmo, eu assisti na televisão a TV Record, as orações do bispo, do pastor, e a minha esposa já estava freqüentando a igreja. (...)*

**Pastor Antônio Carlos** - *Agora deixa eu perguntar, o que que o senhor considera fundo do poço?*

**Paulo Roberto** - *O fundo do poço, pastor, é quando eu cheguei ao ponto que eu ia ter que arrancar os rins e não tinha como colocar outro.*

Outro clichê presente na fala dos depoentes é o uso do verbo “buscar” como se fosse intransitivo, deixando implícito que o que se busca é a libertação promovida por Deus:

**Josefa (cunhada de Laércio)** - *E nós buscando por ele, já há tempo já nós buscando por ele, eu e o meu esposo.*

**Marentina** - *Aí agora eu conheci Jesus, graças a Jesus eu sou uma mulher abençoada, meus filhos tão tudo na igreja, buscando, o meu marido também.*

**Ana Cristina** - *Minha mãe buscando pra mim, minha mãe que conheceu pri-*

O relato do sofrimento revela pessoas de hábitos geralmente simples e grande necessidade espiritual, pessoas facilmente impressionáveis e que passam anos cren-do nas mais variadas promessas de conforto e felicidade. No discurso iurdiano, fica claro que os fiéis narram seus passados de dor com orgulho e esperam despertar compaixão, como nas passagens a seguir:

**Floripes** - *Quatro quilos, pesou [o baço retirado]. Esse baço está no Instituto Patológico (...). E eles levaram o baço pra estudar, porque nunca viram um baço igual.*

**Laércio** - *Em casa, quando eu voltei, já não tinha mais nada, né, porque o pessoal já tava fazendo... é... querendo fazer, como é que se diz, comprar o caixão e esperar só morrer.*

**Paulo Roberto** - *Teve um dia que eu sofri com tanta cólica renal, que eu pensei em cometer o suicídio, em se (sic) jogar do... do último prédio do andar do meu prédio.*

**Rosemeire** - *Aí o médico chegou ao ponto de falar também que eram poucas as chances que eu tinha de ter filho, eu queria filho também.*

**Ana Cristina** - *Ele [seu pai] me batia, me espancava, de repente me dava vontade de fugir de casa.*

Transparece também no discurso dos testemunhos uma espécie de “consciência militante”, já que o fiel considera que a transformação de sua vida é a melhor prova dos milagres divinos. O depoente cum-

No discurso iurdiano, fica claro que os fiéis narram seus passados de dor com orgulho e esperam despertar compaixão

pre de bom grado o papel do personagem que resistiu a todas as tentações, persistiu em sua fé e foi abençoado com uma nova vida. Nesse momento, assume uma força tipicamente heróica de resistência e rebel- dia ou de soldado da obra divina.

**Josefa (cunhada de Laércio) -** *Sabe, bispo, na hora eu me revoltei, quando eu vi aquela situação, um rapaz jovem, ele novo, né. E eu me revoltei, eu não aceitei, eu falei "Jesus, não dá", eu falei pra Deus "como Jesus ressuscitou...", é... como é que é... [o bispo diz 'Lázaro'] Lázaro, né, e eu falei assim "o senhor vai ressuscitar o meu cunhado".*

**Laércio -** *Ele [o telespectador alcoó- latra] vai ficar pele e osso, vai ficar um es- queleto que nem eu fiquei, quase morrendo na sala do hospital. Não vai ter vida, não. A vida que tem é procurar o Se- nhor Jesus na Igreja Uni- versal do Reino de Deus. Essa é a verdade.*

O depoente cumpre de bom grado o papel do personagem que resistiu a todas as tentações, persistiu em sua fé e foi abenço- ado com uma nova vida.

**Francisca -** *Tava com uma semana que tava freqüentando, falei "oh, eu vou jogar tudo na mão do Senhor Jesus, que eu tenho certeza que ele vai me curar".*

**Paulo Roberto -** *Aí graças a Deus conheci o Senhor Jesus na Igreja Universal, me converti, sou um homem de Deus con- vertido, não abro mão pra ninguém, não dou mole pra ninguém, porque eu sou um ho- mem de Deus convertido ao Senhor Jesus através da maior igreja do mundo, que é a Igreja Universal do Reino de Deus. (...) Então não existe nada difícil pra mim, tudo eu posso naquele que me fortalece. Então eu nunca desanimo. (...) A dose mais forte é Jesus. (...) Agora eu sou o quê? Sou um sar- gento do Exército de Jesus Cristo.*

**Zenaide -** *Quando eu pisei meus pés na igreja pela primeira vez eu não entrei pra olhar pro pastor, eu entrei pra olhar pra Je- sus. Quando eu entrei, eu fechei meus olhos e disse "meu Deus, se o senhor é o Deus que aquela mulher falou, então o senhor vai re- solver o meu poblema (sic) agora".*

**Maria Cristina -** *Eu me batizei nas águas, porque eu cheguei lá e falei assim "oh, Deus, é aqui mesmo, que bom, meu Pai, que bom sentir que o Senhor tá aqui". (...) Eu falei assim "que bom, era esse o lugar que eu procurei a vida inteira".*

Nesse plano narrativo, que relata o calvário do depoente, um personagem tem destaque: o Demônio. Algumas vezes cha- mado simplesmente de Diabo, outras no- meado como Exu Caveira, Zé Pilintra ou Pomba-Gira, por exemplo, o certo é que o Príncipe das Trevas é uma figura cara ao imaginário de fiéis e pastores, carregando toda a culpa pelos erros, fraquezas ou in- justos castigos presentes na vida do sofre- dor. Veja alguns trechos em que o Diabo é explicitamente responsabilizado pelo pas- sado:

**Bispo Eduardo -** *Quando aquele es- pírito maligno foi arrancado de você, Cristina, o que que você sentiu?*

**Ana Cristina -** *Ah, senti um alívio. Parece um peso, a mesma coisa que tá car- regando uma... uma pedra, um peso, eu sen- ti um alívio.*

**Bispo Eduardo -** *Existem dezenas de milhares de pessoas que estão agora nos as- sistindo e que não compreendem a ação des- ses espíritos na vida das pessoas. Tá aqui, meu amigo, tá aqui um caso de possessão demoníaca, de um espírito maligno que ator- mentava essa... essa vida, uma jovem que chegou à igreja amarrada (...) Não adianta a pessoa tentar fazer alguma coisa, a única solução está na pessoa do Senhor Jesus.*

**Bispo Antônio -** *É verdade. Inclusi-*

ve não tem tratamento de choque, não tem é... até mesmo aplicação de medicamento, não há nada que possa solucionar o problema da pessoa, uma vez que a enfermidade, a deformação psicológica, é oriunda de uma atuação maligna.

**Bispo Paulo** - É em nome do Senhor Jesus que o Demônio tem que sair. O Demônio não pode resistir ao nome de Jesus. A doença não pode resistir ao nome de Jesus. [durante depoimento de Paulo Roberto]

**Paulo Roberto** - Aí chegou um ponto que eu ia ter que arrumar esse rim de qualquer jeito. Se possível, eu tinha coragem até de matar alguém pra arrancar o rim. Porque eu tava endemoninhado. (...) Porque o espírito, o Zé Pilintra, com quem eu consultava, o Exu Capa Preta, Pomba-Gira, a legião inteira de demônios, ele falava "se você não fizer esse despacho, você não vai ficar curado e eu vou acabar com a sua vida".

**Bispo Paulo** - É... é um demônio mesmo, né, bispo Eduardo?

**Laércio** - Ah, com certeza.

**Bispo Paulo** - Um demônio na vida da pessoa, um espírito de vício, né? (...) Quer dizer, muitas vezes a pessoa tem que entender o seguinte: o Diabo tá agindo na vida daquele familiar. E ele quer destruir, ele quer desanimar a pessoa que vai à igreja buscar uma solução. Ele tenta desanimar. Ele tenta fazer a pessoa desistir. (...) Ora, a corrente de sete semanas, o que que é? A pessoa... ela... cada semana que ela vai na igreja ela ouve uma palavra de fé, ela recebe a oração, ela recebe aquela palavra de estímulo do pastor, do obreiro, enfim, e ela vai fortalecendo a sua fé, ela vai conseguindo forças pra resistir às dúvidas que o Diabo lança na sua mente, as dúvidas que o Diabo até muitas vezes usa um familiar pra trazer, às vezes é alguém da família trazendo dúvida, um vizinho, um amigo.

**Marentina** - O meu marido era de Xangô, o meu filho era de... de... de São Jorge, eu era do Preto Velho, Preta Velha,

aqueles inferno todo. (...) Eu peguei o nome de todo mundo e botei lá no túmulo, aí que foi... que foi parada. (...)

**Pastor Antônio Carlos** - Mas por que a senhora fez isso?

**Marentina** - Porque mandaram. O Diabo mandou lá.

**Pastor Antônio Carlos** - O Diabo mandou, era pra matar a família toda...

**Pastor Paulo** - Como é que a senhora sabe disso [que havia um trabalho para matá-la]?

**Floripes** - Porque o próprio Demônio falou pra mim, porque eu corria atrás... antes de eu procurar Jesus eu corria pro centro. (...)

**Pastor Paulo** - A senhora lembra o nome do espírito que manifestou lá, que falou?

**Floripes** - Foi o Exu Caveira. (...) Quando eu cheguei nesse centro, quando tava todo mundo ali em cima de mim, um arranhava de lá, outro arrastava de lá, a Pomba-Gira acendeu uma vela, assim, ó, com três fogo, e ela me queimava, de lá pra cá, aquilo caía aqueles pingos quente ni (sic) mim (...) ela dava risada que três, quatro quadras longe ouvia, sabe, aquela coisa horrível. E o Belzebu rosnando perto de mim, fazia "arr...", sabe, nisso, quase duas horas ali, eu tremendo, eu falei "ai, gente, me arranja uma cadeira", aí ele falou pra mulher "pode pôr uma cadeira aí, que ela não vai agüentar mais, é nesse trabalho mesmo que a gente vai levar ela".

**Pastor Paulo** - Que é isso! (...) O Tranca-Rua falou isso pra senhora?

**Floripes** - Não, Belzebu.

É bastante comum, no entanto, que a presença demoníaca seja sugerida, o que contribui para acentuar o caráter misterioso que cerca o discurso iurdiano. Como nos exemplos a seguir, em que o Diabo apenas insinua seu poder:

**Milton** - *Então eu bebia muito, desde os 14 anos e misturado, comecei com a maconha, depois já passei pra cocaína, né? E sempre envolvido com essas coisas de... de espiritismo. (...) Parecia uma coisa... mesmo que eu queria me libertar, me abandonar de tudo isso, mudava de cidade e tudo o mais, e uma coisa que não... não tinha jeito, sabe? (...) [Jesus] Arrancou de dentro de mim aquela coisa que eu tinha.*

**Maria Cristina** - *E eu morando naquela casa que eu não sabia que aquilo lá tinha sido um centro, tinha sido um centro duas vezes, uma pessoa tinha feito centro de umbanda e depois outra fez de bruxaria, de magia negra.*

**Bispo Paulo** - *Olha, de repente, nesse momento tem gente nos assistindo com um copo de bebida na mão.*

**Laércio** - *Ah, deve ter, com certeza. (...) Eu mesmo assistia bebendo.*

**Paulo Roberto** - *Eu só andava armado. Eu pensava em sacar a arma, matar todo mundo e se (sic) matar em seguida. Só tinha pensamento de louco, de loucura. (...) Eu com problema (sic) de rins, totalmente sem saúde, problema (sic) financeiro muito sério, envolvido com espiritismo, fazendo tudo quanto é despacho de macumba. (...) Eu era capaz de vender qualquer coisa pra fazer o despacho.*

**Zenaide** - *Eu queimava muita vela, a minha vida era comprar... desafiava pra Aparecida do Norte, quando uma pessoa ia pra Aparecida eu comprava promessa. (...) Mas pelo contrário, quando chegava na avenida tinha que parar o ônibus porque eu tava louca dentro do ônibus, quer dizer que não adiantava eu comprar a perna do tamanho de um gigante porque eu tava louca, já, a cabeça doía tanto que eu tive que cair num psiquiatra.*

## Depois da igreja

Todos os relatos incluem um segundo plano narrativo, mais curto que o primeiro, sobre a vida do depoente após sua conversão à igreja. Adjetivos como *feliz*, *alegre*, *abençoado* e *curado* qualificam o novo estado do fiel. Veja alguns exemplos:

**Floripes** - *Eu nunca mais voltei lá [ao hospital] pra tomar nem quimioterapia, nem radioterapia. (...) [Estou] Curada há nove anos.*

**Marentina** - *Meu médico agora é Jesus. (...) Hoje em dia meu marido é homem de Deus. (...) Ele é ombreiro (sic), eu sou ombreira (sic) também.*

**Laércio** - *Agora meu vício é Jesus. (...) Tava desempregado, arrumei serviço, tô trabalhando. (...) Tenho muita vontade de trabalhar, vou começar a viver, vou começar a minha vida agora.*

**Nelsina** - *[Estou] Muito, muito feliz.*

**Francisca** - *E Ele [Jesus] me curou, tô com três anos que eu não tomo uma gota de remédio (...) Graças a Deus, tô feliz.*

**Paulo Roberto** - *Eu fui curado na Igreja Universal do Reino de Deus.*

**Zenaide** - *Aqueles problema (sic) de colesterol (sic), pressão alta e bronquite já se acabou na minha vida, assim, é, como se fosse um check-up na minha vida. (...) Meu marido se libertou da pinga. Acabou, virou um homem dentro de casa. (...) Jesus curou eu de todas essas enfermidades que eu acabei de falar pro senhor. (...) Tô feliz, muito feliz com o Senhor Jesus.*

**Rosemeire** - *Foi o Espírito Santo que me deu [um bebê]. (...) Tô feliz, abençoada.*

**Ana Cristina** - *Hoje [a vida] tá transformada, hoje eu tô alegre. (...) Eu sou uma grande mulher de Deus, minha mãe também.*

**Roseane** - *Eu fui curada. (...) Foi um milagre que aconteceu, pastor.*

**Milton** - *Me libertei, me libertei, graças a Deus. Graças ao Senhor Jesus eu sou... eu sou liberto hoje em dia, né?*

**José (marido de Maria Cristina)** - *Tá curada [a filha], graças ao Senhor Jesus.*

**Elizabete** - *Desapareceu [a doença do filho]. Pra honra e glória do Senhor Jesus.*

A narração da experiência pessoal é uma eficaz propaganda dos milagres operados por Jesus naqueles que se entregam aos rituais da igreja. A passagem a seguir, expressa ao final do depoimento de Ana Cristina, explicita a finalidade da exibição dos testemunhos:

**Bispo Eduardo** - *É, os milagres não param de acontecer na Igreja Universal do Reino de Deus. Estão aí. Contra fatos não há argumentos, né, pastor Antônio Carlos?*

**Pastor Antônio Carlos** - *A prova são os testemunhos, né, a pessoa que se dispõe a estar de madrugada aqui na televisão, ao vivo, pra mostrar os depoimentos, os testemunhos, falar daquilo que aconteceu na vida dela. A manifestação do poder de Deus é que faz com que a vida da pessoa seja transformada, coisas absurdas venham a acontecer, absurdas, milagres são coisas absurdas, coisas que às vezes a ciência não explica, a própria pessoa não explica, a família não entende. (...) Mas tá aí, são fatos, são pes-*

*soas transformadas, são pessoas libertas, pessoas que buscaram a Deus, abriram o coração. E Deus trouxe a existência àquilo que não existia. Eu tenho certeza, ele quer fazer o mesmo na sua vida, se você está sofrendo e se você fizer o mesmo, der a ele a oportunidade que essas pessoas deram, o milagre também vai acontecer na sua vida.*

Essa fala é um pequeno exemplo tanto do grau de veracidade emprestado ao que não passa de uma simples narração de acontecimentos, quanto da extensa relação de causa e efeito traçada entre a ação demoníaca e a dor, de um lado, e entre a igreja e a felicidade, de outro.

O discurso iurdiano tem um caráter coletivo. Traveste-se de singularidade por meio dos relatos individualizados, mas os sujeitos, ao abrirem mão de qualquer incerteza desviante, desaparecem no processo narrativo e tornam-se, uns após os outros, mensageiros da “verdade” iurdiana.

A arrogância exibida por bispos e pastores no que tange às demais religiões também faz parte da autolegitimação do discurso da igreja. Frente aos fiéis, eles surgem como detentores de saber e de poder, falam bem, conhecem a Bíblia, parecem sensatos e generosos, portanto têm autoridade tanto para dar conselhos como para fazer críticas. Essa arrogância fica bem expressa pelo rasgo de ironia presente no diálogo sobre o alcoolismo:

**Bispo Paulo** - *Quer dizer que o senhor nunca pensava em...*

**Laércio** - *Nunca pensei em frequentar uma igreja.*

**Bispo Paulo** - *Em ir numa igreja?*

**Laércio** - *Não. Eu era católico, mas aquela... católico, como diz o outro, um católico... a igreja não proíbe de beber, nem de fumar, nem nada.*

**Bispo Paulo** - *Católico apostólico alcoólico?*

## O discurso como fator de agregação e expansão

A breve análise que acabamos de traçar mostra que os depoimentos obedecem a uma trajetória semelhante, que varia segundo o tempo disponível para a narrativa e a condução exercida pelo entrevistador. De modo geral, podemos dizer que todos os depoentes se portam da mesma maneira, conferindo-se um papel de importância e gravidade. Não querem apenas contar sua história, e sim provocar emoções, estabelecer um vínculo com o

podemos dizer que todos os depoentes se portam da mesma maneira, conferindo-se um papel de importância e gravidade. Não querem apenas contar sua história, e sim provocar emoções, estabelecer um vínculo com o mundo profano em suma, querem evangelizar os telespectadores

mundo profano \_ em suma, querem evangelizar os telespectadores. Há uma mistura de vaidade, exibicionismo e militância. Os testemunhos são didáticos, porque oferecem aos bispos e pastores a oportunidade de pregar e explicar os rituais próprios da igreja. As falas são acessíveis, a linguagem é

usual, uma linguagem popular com toques de erudição nos momentos de pregação das narrativas bíblicas. Mas, acima de tudo, os depoimentos constituem um discurso agregador de experiências e de promessas.

Temos aqui o que podemos chamar de comunidade discursiva<sup>4</sup>, a constituição de um grupo que compreende o significado preciso de termos e expressões e que produz suas falas segundo concepções compartilhadas. O discurso passa a agregar indivíduos e a ressaltar, entre uma infinidade de diferenças, as semelhanças vitais à manutenção das crenças. Por isso o

discurso iurdiano é *circular*, porque despreza a maior parte das singularidades \_ potencialmente questionadoras \_, em nome daquilo que se repete. São preservadas apenas as singularidades necessárias para que os relatos conservem a autenticidade, característica indispensável à aura de veracidade. Para que o pastor diga “contra fatos não há argumentos”, os fatos devem ser autênticos. Mas não muito, apenas o suficiente. A intenção é inserir o telespectador nessa comunidade discursiva, fazendo com que ele identifique a experiência do depoente com a sua própria. Em última instância, a intenção é fazer com que o telespectador passe a frequentar a igreja, tornando-se também um agente desse discurso.

Para finalizar, é importante acentuar que todo o discurso iurdiano está amparado em uma exterioridade mística, um universo em que convivem dores reais e personagens mitológicos, uma linguagem em que transitam textos de grande carga dramática. Esse discurso é *mistificador*, porque recolhe para si fragmentos do empírico e os empresta ao reino do indecifrável, tornando a experiência mística um fato aceitável pela lógica divina e, versão máxima da contradição, supostamente transparente. É *tipificador*, porque possibilita que seus falantes sejam reconhecidos de imediato. Além disso, o discurso da Igreja Universal, de comprovada eficácia, tem sido utilizado, com pequenas variações, por outros movimentos, o que pode acabar configurando uma espécie de “franquia” discursiva.

Na fala iurdiana, o Diabo, embora condenado a ser eternamente derrotado por Deus, é tido como um personagem de grandes poderes. Esse discurso contribui para disseminar, neste final de milênio, uma mentalidade medievá que crê com facilidade naquilo que não compreende. Como diz Carl SAGAN (1997, p. 20): “*Os relatos espúrios que enganam os ingênuos são acessíveis. As abordagens cétricas são muito mais difíceis de encontrar. O ceticismo não vende bem*”.

<sup>4</sup> Utilizamos a definição de Dominique Maingueneau (1989:56) sobre comunidade discursiva: “o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva (...), grupos que existem unicamente por e na enunciação, na gestão desses textos”.

## Bibliografia

CAMPOS, Leonildo Silveira. 1997. **Teatro, templo e mercado; organização e marketing de um empreendimento neopentecostal.** Petrópolis: Vozes, 1997

MACEDO, Edir. 1996. **Orixás, caboclos & guias; deuses ou demônios?** 13. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Universal.

MAINGUENEAU, Dominique. 1989. **Novas tendências em análise do discurso.** Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes.

OLIVA, Margarida. 1997. **O Diabo no “Reino de Deus”;** por que proliferam as seitas? São Paulo: Musa.

PEIRCE, Charles Sanders. 1975. **Semiótica e filosofia;** textos escolhidos. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix.

SAGAN, Carl. (1996) 1997. **O mundo assombrado pelos demônios.** Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras.

## Endereço da autora

Marcia Benetti Machado

Rua Laurindo, 362/ 603

Bairro Santana

90040140 - Porto Alegre - RS

marciama@uol.com.br